

Maluf: tudo para ser notícia.

“Já estou cansado de ganhar eleição na véspera”, desabafou ontem o presidenciável do PDS, Paulo Maluf. Ele acabava de sentar-se em um dos camarins do teatro TVS, no Carandiru, e referia-se às derrotas que sofreu em 1984 (sucessão presidencial), 1986 (governo do Estado) e 1988 (Prefeitura de São Paulo). Passava um pouco das 13 horas e Maluf teria que aguardar duas horas para participar da gravação do programa de Hebe Camargo (por sinal, malufista convicta) que vai ao ar na próxima terça-feira.

Bem humorado, Maluf prometeu aos jornalistas — assim que chegou — que seria notícia: “Eu vou plantar bananeira”. Ele não cumpriu a promessa, mas durante as duas horas de espera conversou descontraidamente. Explicou que, nesta campanha, vai tentar desvincular sua imagem do meio político (o que Fernando Collor de Mello já vem fazendo). Maluf procurará ser identificado como empresário bem-sucedido, um executivo na vida pública, mesmo porque não acredita nos partidos que estão aí: “Os partidos todos falharam, inclusive o PDS. O Brasil não tem tradição de partidos políticos cristalizados”.

Como em outras ocasiões, Maluf afirmou que é discriminado pela imprensa. “Sou o maior produto da liberdade de imprensa neste País. Pelo que já fiz pelo Estado de São Paulo, eu mereceria um pouco mais de respeito. Eu deveria ser como Jânio Quadros, que xinga vocês com palavrões”.

Na gravação do programa, prometeu que — se eleito — fará um governo austero e com muita autoridade. No final do programa, sua amiga Hebe Camargo ofereceu-lhe um copo de cerveja, fazendo merchandising de uma marca. Maluf não pestanejou: bebeu o conteúdo em um gole só.